

Planta da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro reduzida da que se publicou no ano de 1812

Jorge Ricardo Cardoso de Carvalho Raposo da Câmara
Biblioteca Nacional, RJ
ricardocamara40@gmail.com

Maria Dulce de Faria
Biblioteca Nacional, RJ
mariadulcedefaria@gmail.com

Resumo:

O trabalho descreve duas plantas da cidade do Rio de Janeiro sob o título “Planta da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro. Reduzida da que se publicou no anno de 1812, em 1817”, baseadas no primeiro mapa impresso no Brasil, “Planta da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro levantada por ordem de sua Alteza Real o Príncipe Regente Nosso Senhor no anno de 1808”, gravada na Imprensa Régia em 1812. Após a chegada da corte portuguesa a esta cidade, ele ordenou a produção de um mapa bem detalhado do local, para que a corte portuguesa tomasse conhecimento. A primeira foi gravada por Souto, provavelmente na Imprensa Régia, e a segunda por Waniek, no Lithographtschen Institut in Wien, e que integra a obra “Nachrichten von den kaiser osterreichischen Naturforschern in Brasilien...” de Karl von Schreibers, editada em 1820. Essa obra foi o resultado da expedição da Missão Austríaca Científica no Brasil (1817-1820) por ele organizada. A missão acompanhou a arquiduchessa Leopoldina da Áustria por ocasião de seu casamento com o herdeiro do Reino Unido de Portugal (Brasil e Algarves) D. Pedro I, o futuro imperador do Brasil. A produção da planta, da então capital do Reino Unido Português, atendia aos interesses das cortes austríaca e luso-brasileira, e estava de acordo com o prestígio do qual gozava a História Natural, no início do século XIX. Ambas as plantas são de grande importância por se tratar de poucos exemplares existentes no mundo, e terem servido de base para futuras plantas, que acompanharam as transformações urbanísticas da cidade do Rio de Janeiro, então em expansão.

Palavras-chave:

Cidade do Rio de Janeiro, século XIX; Plantas históricas; Coleções cartográficas.

Abstract:

The work describes two maps of the city of Rio de Janeiro intitled “Planta da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro. Reduzida da que se publicou no anno de 1812, em 1817”, (reduced in 1817 from the one published in 1812) based on the first map printed in Brazil, “Planta da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro levantada por ordem de sua Alteza Real o Príncipe Regente Nosso Senhor no anno de 1808”, engraved in the Royal Press in 1812. After the Portuguese Royal Court arrived in the city, the Regent Prince, D. João VI ordered the production of a well-detailed map of the place for the Portuguese Court to get acquainted with the city. The first map was engraved by Souto at the Imprensa Régia, and the second one was engraved by Waniek at the Lithographtschen Institut in Wien, which is part of the “Nachrichten von den kaiser osterreichischen Naturforschern in Brasilien...” by Schreibers, published in 1820. This work was the result of the expedition of the Austrian Scientific Mission in Brazil (1817-1820) organized by him. The Mission accompanied the Austrian Archduchess Leopoldina on the occasion of her marriage to the heir of the United Kingdom of Portugal (Brazil and Algarves) D. Pedro I the future emperor of Brazil. The production of the map of the capital city of the Portuguese United Kingdom at that time was under the interests of the Austrian and Luso-Brazilian courts, and consistent with the prestige enjoyed by Natural History at the beginning of 19th century. Both maps are of great importance because there are few copies of it in the world. Also, they served as a basis for future maps which accompanied the urbanistic transformations of Rio the Janeiro city, which was then expanding.

Keywords:

The City of Rio de Janeiro, 19th century; Historic maps; cartographic collections

Introdução

O trabalho se propõe a descrever duas plantas da cidade do Rio de Janeiro que tiveram base no primeiro mapa impresso no Brasil, “Planta da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro levantada por ordem de sua Alteza Real o Príncipe Regente Nosso Senhor no anno de 1808. Feliz e memoravel época da sua chegada à dita cidade. Na Impressão Régia 1812”, desenhada no Real Archivo Militar e publicada na Impressão Régia. A primeira planta reduzida foi provavelmente gravada na Imprensa Régia, e a segunda publicada nos relatórios da Missão Científica Austríaca.

A Planta da Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro gravada na Impressão Régia em 1812

A planta da cidade do Rio de Janeiro, gravada em 1812, na Impressão Régia¹, foi desenhada no Real Archivo Militar² por J. A. dos Reis e sua impressão foi dirigida por João Caetano de Rivara e gravada por Paulo dos Santos Ferreira Souto, dois gravadores que haviam trabalhado anteriormente na Oficina Literária do Arco do Cego, fundada pelo príncipe regente (futuro D. João VI) no final do século XVIII.

Segundo o aviso do Conde de Aguiar, “Havendo chegado a esta Corte os gravadores Romão Eloi Casado e Paulo dos Santos Ferreira, que vieram de Lisboa, com o Padre Frei José Veloso, Vs. Ms. procurarão dar logo algum trabalho a estes oficiais, que podem principiar pela gravura da cidade do Rio de Janeiro, tirada do Arquivo Militar (...)” (TEIXEIRA, 1976, p.14).

Documento emblemático da consolidação da América Portuguesa, pois, além de ser a primeira impressão de um mapa no Brasil, trata-se da primeira representação da capital do império na qual D. João VI se baseou para o planejamento das mudanças e reformas necessárias para a adaptação da sede do governo português. Essa é considerada a melhor planta da Cidade no início do século XIX (figura 1). Conforme informa Isa Adonias:

A planta abrange a cidade do Rio de Janeiro desde a Praia de N. S. da Glória até ao Saco de S. Diogo. É digna de atenção não só pelos seus detalhes e acabamentos, como pela época em que foi levantada. Sem levar em consideração o que as datas acima representam para a nossa nacionalidade há, contudo, a salientar que foi uma das primeiras gravuras abertas no Brasil, fazendo parte dos primórdios da Impressão Régia.” (ADONIAS, 1956, p.60).

Não possuímos informações de quantos exemplares foram impressos, mas sabemos por Francisco Gonçalves de Miranda, que em 1812 a planta já se encontrava a venda na loja de Paulo Martin Filho, na Rua da Quitanda, número 34, por 6.400 réis (Miranda, 1922), informação confirmada pelo anúncio publicado na Gazeta do Rio de Janeiro de 13 de maio de 1812 (figura 2). A planta esteve novamente à venda em 05 de maio de 1913 (figura 3).

¹ Fundada pelo decreto do Príncipe Regente, assinado em 13 de maio de 1808.

² Criado por decreto em 07 de abril de 1808, o Real Archivo Militar tinha como objetivo produzir, guardar e conservar mapas e cartas do Brasil e do Império Português, reunindo engenheiros militares, desenhistas e gravadores.

A gravura sobre papel possui dimensões de 92 cm x 123cm³, com escala gráfica de 300 braças (= 16,5cm), tendo sido utilizadas duas matrizes de cobre⁴, as quais se encontram no Museu da Imprensa Nacional. Francisco Gonçalves de Miranda antigo funcionário da instituição em sua *Memória histórica da Imprensa Nacional*, explica que as matrizes originais de cobre sobreviveram a um incêndio que lá ocorreu em 15 de setembro de 1911 (MIRANDA, 1922, p.60).

Como características esta planta apresenta a legenda dividida em três grupos indicados por letras com as seguintes características: caixa-alta e caixa-alta em itálico, e minúsculas, e um grupo indicado por algarismos. Dentre os itens identificados por letras, com maiúsculas estão palácios, igrejas, capelas, seminários, conventos, freguesias, hospitais, recolhimentos e quartéis, e com minúsculas, os chafarizes, largos, cavaleriças, um teatro, a alfândega etc. Os algarismos identificam os logradouros: becos, ruas, travessas e ladeiras. Alguns topônimos, como praias, morros, montes estão indicados na própria planta.

Segundo Bruno Capilé:

“Neste mapa, que tem o Sul como referência, a área urbana foi enquadrada juntamente com os arredores mais próximos do Manguezal de São Diogo a oeste e o subúrbio da Glória ao sul. O terreno foi representado em distintas categorias: a) árvores alinhadas ao longo de algumas ruas dos arredores menos urbanizados; b) distribuição aleatória da vegetação dos morros; c) os sombreamentos para conferir tridimensionalidade aos morros; d) manchas concentradas nas áreas alagadas, como nos mangues, lagoas e várzeas. Ele apresenta as toponímias da Lagoa da Sentinela, do Mangal de S. Diogo e do Saco de mesmo nome, indicando a área de manguezal (d) que delimitava a cidade (...). Este mapa possui muitas descrições do ambiente biofísico e possivelmente foi elaborado visando os interesses administrativos de expansão urbana futura”. (CAPILÉ, 2019, p.12).

A planta apresenta também uma rosa dos ventos, adornada, no canto superior esquerdo, próximas as praias indicadas como do Boqueirão e de Santa Luzia. No canto superior direito encontra-se o cartucho de título, ornamentado com o brasão do reino de Portugal. Já no canto inferior direito é exibida escala gráfica que também possui adornos, seguido da identificação do engenheiro responsável pela sua construção no Real Archivo Militar. Por fim, no canto inferior esquerdo, nas proximidades da Ilha das Cobras e Valonguinho, estão disponíveis as explicações e referências aos responsáveis pela gravação (FIGUEIREDO, 2017).

A planta da cidade do Rio de Janeiro em 1817, reduzida da de 1812 no Archivo Militar

Nos anos que se seguiram a gravação da planta de 1812, com o crescimento e alteração da paisagem urbana da ci-

³ Essas medidas podem variar, uma vez que foi utilizada uma matriz dividida em duas partes e muitas vezes ao sofrerem intervenções, tais como montagem em tela, acabam por apresentar diferenças. Além disso, as duas chapas de cobre originais tem diferentes dimensões.

⁴ No século XIX havia dois processos de impressão, a tipografia, para textos, e a gravura em metal para estampas. A gravura em metal foi utilizada para mapas até o início do século XIX, quando foi descoberta a litografia por Aloysius ou Alois Senefelder (1777-1834) em 1796. A litografia foi introduzida no Brasil (1825) pelo suíço Johan Jacob Steinmann, contratado pelo imperador D. Pedro I, com o objetivo de implantar a oficina litográfica, publicar mapas e ensinar a nova técnica de impressão no Arquivo Militar. Embora Steinmann seja considerado o precursor da litografia no Arquivo Militar, D. João VI contratou em 1818, Arnaud Julien Pallière para fazer retratos e paisagens, incluindo uma carta da Baía de Guanabara, trazendo consigo uma prensa litográfica portátil de Senefelder (MAURÍLIO, 2009, p.120).

dade do Rio de Janeiro havia a necessidade aumentar a quantidade de mapas disponíveis e ao mesmo tempo torná-los mais acessíveis e fáceis de manusear do que a versão original em duas folhas. Neste contexto foram aparecendo novas plantas derivadas da original de 1812, sejam reduções ou ampliações. A “Planta da Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro: reduzida da que se publicou em 1812, em 1817” (figura 4), foi reduzida no Arquivo Militar e gravada na Impressão Régia por Souto (ADONIAS, 1966, pág.52).

A planta reduzida de 1817 está assinalada na margem direita “P. S. F. Souto. Sculp. R. de Janr.º” – P[aulo dos] S[antos] F[erreira] Souto Sculp[ist= gravou]. R[io] de Janei[ro]. É o mesmo gravador da planta de 1812 (figuras 5 e 6), mas nessa Souto assinou “gravou”. Como visto acima, Paulo dos Santos Ferreira Souto era gravador arquiteto da antiga Tipografia do Arco do Cego (IPANEMA, 2015, p.4), e chegando ao Brasil, foi para a Impressão Régia e gravou a coleção cartográfica do Arquivo Militar.

Conhecemos apenas dois exemplares dessa planta, o existente na Biblioteca Nacional de Portugal e outro que integra o acervo da Mapoteca do Itamaraty, o qual foi adquirido pelo Barão do Rio Branco em um leilão de pertences do historiador francês Ferdinand Denis em 1891 (Adonias, 1966, p.52, n.98). A planta mede 29,20x28,40cm em folha de 41,30x35,40cm, com escala gráfica de 300 braças (= 5,5cm).

A planta apresenta as mesmas legendas da planta de 1812, mas a disposição gráfica é diferente da original, sendo exibidas no lado esquerdo, e a escala gráfica aparece dentro do cartucho de título.

A Missão Científica Austríaca

O decreto de abertura dos portos, promulgado após a vinda da família real portuguesa para o Brasil, teve como efeito a entrada no país de um grande número de estrangeiros não só devido a razões comerciais ou de Estado, mas também por um interesse artístico e científico sobre o Brasil, em consonância com o interesse científico sobre o Novo Mundo em voga nas monarquias europeias do século XIX (HOLANDA, 1974, p.13). Essas viagens tiveram como resultado vários relatos sobre regiões do Brasil até então desconhecidas. Muitas dessas missões planejadas por academias e sociedades científicas, bem como Museus de História Natural, foram financiadas por monarcas. Este foi o caso, por exemplo, da Missão Artística Francesa de 1816, que levou a fundação da Academia Imperial de Belas Artes, origem da atual Escola Nacional de Belas Artes.

Segundo os mesmos princípios a missão científica austríaca, foi patrocinada pelo Imperador Francisco I que teve como resultado um imenso legado no âmbito das ciências naturais e cartográfica.

A “Planta da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro em 1817, reduzida da que se publicou em 1812”, faz parte da obra organizada por Karl von Schreibers: *Nachrichten von den kaiser osterreichischen Naturforschern in Brasilien und den Resultaten ihrer Betriebsamkeit. Aus den Amtsrelationen der K.K. Gesanschaft am hofe von Rio de Janeiro...*, ou *Notícias dos naturalistas imperiais austríacos no Brasil e o resultado de suas atividades*. Essa obra foi editada por Joseph Georg Trakler, em Brünn, em 1820. A obra apresenta os resultados dessa expedição, planejada por Karl von

Schreibers, então diretor do Museu de História Natural de Viena, tendo sido chefiada por Johan Christoph Mikan, naturalista e professor de Botânica em Praga.

A Missão Científica Austríaca acompanhou a arquiduquesa Leopoldina da Áustria por ocasião de seu casamento com o herdeiro do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, o futuro imperador do Brasil, D. Pedro I, tendo permanecido no Brasil de 1817 a 1820. A comitiva contava entre outros com a participação dos naturalistas alemães Johann Baptist von Spix e Karl Friedrich Philipp von Martius, o real jardineiro botânico Heinrich Wilhelm Schott, o paisagista Thomas Ender, o assistente do Imperial e Real Gabinete de História Natural Johann Natterer, e o taxidermista Heinrich Sochor, caçador de sua alteza e príncipe herdeiro.

No preâmbulo da obra temos a seguinte informação:

“É conhecido o amor e zelo do Imperador pela ciência prática. Para alargar os conhecimentos nesse sentido e ao mesmo tempo transportar ao solo pátrio os tesouros da natureza alienígena aproveitou o ensejo do casamento da arquiduquesa D. Leopoldina para enviar ao Brasil certo número de sábios, entre os naturalistas, com a incumbência de percorrer as principais regiões desse país, e observar in loco a superabundante variedade dos três reinos da natureza, enriquecendo assim a sua pátria com os tesouros de novas observações” (SCHREIBERS, 1969, p. 192).

Além do interesse científico, a missão ao Brasil atendia a outras preocupações de teor econômico e comercial dos governos implicados em sua realização. No campo científico, a mineralogia, especialidade desenvolvida por Alexandre von Humboldt na Academia de Minas de Friburgo, tinha grande destaque. As disciplinas de Geologia e a Botânica também foram contempladas, sendo os especialistas que vieram a bordo das fragatas Augusta e Áustria dos mais credenciados a nível europeu. A primeira fragata zarpuou de Trieste a 10 de Abril de 1817 e chegou ao Rio a 16 de Julho do mesmo ano, levando a bordo a Arquiduquesa e a sua comitiva. A fragata Áustria trouxe a bordo o maior grupo de pesquisadores e naturalistas, Mikan, acompanhado de sua esposa, e o pintor Thomas Ender, que gozava do apoio e admiração do grande Chanceler da Áustria e Príncipe Merternich-Winnenburg, tendo sido por ele indicado (CUNHA, 1968, p.7).

A Missão Científica Austríaca, interessada na investigação do cenário geográfico e ecológico do Brasil, ainda grandemente desconhecido à luz das ciências naturais dos séculos XVIII e XIX, contribuiria para engrandecer o ambiente cultural do Rio de Janeiro em específico, e do Brasil em geral.

A planta da cidade do Rio de Janeiro, gravada por W. W. Waniek

A planta foi gravada por W.W.Waniek, impressa no *Lithographtschen Institut* em Viena, é possivelmente, derivada da redução feita no Archivo Militar acima mencionada. A planta mede 29,8 x 28,90 cm em folha de 39,5 x 35,5cm, com escala gráfica de 300 braças (= 5,9cm). Como a planta reduzida no Arquivo Militar, esta planta apresenta o título e a escala gráfica inseridos no cartucho de título. O subtítulo contém um pequeno erro de gravação, com a palavra

“publicou” junto com a preposição “no”: “Reduzida da que se *publicou no* Anno de 1812”. As legendas, da mesma forma que a anterior, aparecem no lado esquerdo, com dois índices remissivos, um com os principais nomes das praças, becos e ruas e outro com os principais prédios civis, militares e religiosos dispostos da seguinte forma: na parte superior esquerda legenda com indicações divididas em três grupos indicados por letras, em caixa-alta, caixa-alta em itálico, e minúsculas. Dentre os identificados por letras, com maiúsculas estão palácios, igrejas, capelas, seminários, conventos, freguesias, hospitais, recolhimentos e quartéis, e com minúsculas, os chafarizes, largos, cavaliças, um teatro, a alfândega etc. Os algarismos identificam os logradouros: becos, ruas, travessas e ladeiras. Esse conjunto é sobreposto pelo desenho da rosa dos ventos. Na parte inferior esquerda, um grupo indicado por algarismos faz referência aos logradouros: becos, ruas, travessas e ladeiras. Os topônimos são assinalados somente na zona costeira da cidade, tais como praias, o Saco da Gamboa, o Saco do Alferes, hoje aterrado e o Valongo que hoje abriga a zona portuária recentemente revitalizada.

As linhas paralelas onduladas que mostram o limite da costa, são mais largas na planta de Waniek do que na reduzida por Souto.

A planta mostra a expansão para o Campo de Sant’Anna, que aparece na parte central, e a região da Cidade Nova. Conforme evidenciado na legenda, a planta já mostra as mudanças ocorridas na estrutura urbana da cidade a partir da chegada da corte, incluindo o surgimento de prédios públicos como a Academia Real da Marinha e de Belas Artes, Hospital Militar, Imprensa Régia, Biblioteca Real, do Jardim Botânico, Museu de História Natural, Arquivo Militar e da Real Casa das Obras. A abertura dos portos levou à dinamização das atividades portuárias da cidade com a transferência do mercado de compra e venda de escravos da Rua Direita (atual 1º de Março) para o Valongo, e o afluxo de imigrantes em direção a Minas Gerais no contexto da atividade mineradora, levou à expansão urbana para o interior da cidade, para oeste do campo de Sant’Anna, que aparece no centro da planta.

Exemplares encontrados

Além do exemplar da Biblioteca Nacional, foram encontrados quatro exemplares completos do relatório de Karl Von Schreibers: quatro na Österreichische Nationalbibliothek, um na Library of Congress, um na Universitätsbibliothek Regensburg. A Biblioteca do Instituto Histórico-Geográfico Brasileiro possui um exemplar sem a planta.

O livro de Schreibers possui também uma vista panorâmica (frontispício) *Einfahrt in den Hafen von Rio Janeiro und Kirche von Nossa Senhora da Gloria mit dem Pao d’Azugar am linken Ufer der Bucht* gravada por J. Blascher, e a planta desdobrada da cidade do Rio de Janeiro, que aparece citada na Bibliographia Brasiliana de Rubens Borba de Moraes como “obra bastante rara” (MORAES, 2010, Vol.2, p.320). Dado às semelhanças e o período em que foi feito, possivelmente, essa edição foi baseada na planta reduzida de Souto.

Considerações finais

A importância dessas plantas está em serem derivadas de um documento emblemático para a história do Brasil e de sua imprensa. A planta cuja execução foi solicitada por D. João VI em 1808 e gravada em 1812 é um testemunho de um momento importante de nossa história, a instalação da corte portuguesa na cidade do Rio de Janeiro, e também das consequências advindas desse acontecimento para o desenvolvimento urbanístico da cidade. Tanto na planta original, quanto em suas reduções, podemos verificar tanto a monumentalização da cidade para atender um novo grupo social, a elite colonial, dado o seu novo estatuto tendo ascendido à condição de metrópole do Império Português, como também o crescimento territorial com expansão para novas áreas de ocupação. A planta de Waniek, por sua vez, está associada para além do reconhecimento geográfico da nova metrópole, ao florescimento da cultura, das artes e da ciência no Brasil, com o desenvolvimento das artes plásticas e das ciências naturais com o conhecimento promovido em nossas terras pela missão científica e artística austríaca.

Referências Bibliográficas

Fontes primárias

GAZETA DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, 13 de maio de 1812, nº39, p.4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=749664&pasta=ano%20181&pesq=>. Acesso em: 30 set 2019.

GAZETA DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, 05 de maio de 1813, nº36, p.4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=749664&pasta=ano%20181&pesq=>. Acesso em: 30 set 2019.

PLANTA da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro: levantada por ordem de sua Alteza Real o Príncipe Regente Nosso Senhor no anno de 1808: feliz e memorável epoca da sua chegada á dita cidade. Dirigida por A. C. Rivara, e gravado por P. S. F. Souto, Desenhada no R. A. Militar por J. A. dos Reis. [Rio de Janeiro]: Impressão Régia, 1812.

SOUTO, P. S. P. grav. metal. **Planta da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro**: da que se publicou em 1812. R. de Janº. [Rio de Janeiro: Impressão Régia], em 1817,

WANIEK, W. W. **Planta da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro**: reduzida da que se publicou no [sic] anno de 1812. Em 1817. Wien: Litographischen Institut, [ca. 1820].

Fontes secundárias

ADONIAS, Isa. **Mapa**: imagens da formação territorial brasileira. Rio de Janeiro: Odebrecht, 1993, 1993.

ADONIAS, Isa. **Catálogo de plantas e mapas da cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, Divisão de Documentação, Mapoteca, 1966.

ADONIAS, Isa. **As peças raras da Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores**. Rio de Janeiro: Museu Histórico e Diplomático do Itamaraty/MRE, 1956

CAPILÉ, Bruno. Apagando a natureza. O desaparecimento dos ecossistemas alagados nos mapas urbanos do Rio de

Janeiro. **Terra Brasilis (Nova Série) Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica**. 11, 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/4306>. Acesso em: 27 set. 2019

CUNHA, Lygia da Fonseca. Thomas Ender, Catálogo de Desenhos. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1968.

FERREZ, Gilberto (org.). **A muito leal e heroica, quatro séculos de expansão e evolução**. Rio de Janeiro: Banco Boavista S.A., 1965.

FIGUEIREDO, Cláudio Chagaset *al.* Avaliação dos diferentes métodos de transformação para georreferenciar documentos cartográficos de 1812 e 1906 do Rio de Janeiro. COFINS, Revista Franco-brasileira de Cartografia. Número 32, 2017.

GODOY, Vanesa Ferraz, MENEZES, Paulo Márcio Leal de; SILVA, Alessandra Ferraz Godoy da...Cartografia Histórica e navegação virtual do centro do Rio de Janeiro. In: Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica, 1., 2011, Paraty. **Anais**[...]. Disponível em: https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio/GODOY_VANESSA_F_ET_AL.pdf. Acesso em: 27 set.2019

HOLANDA, Sergio Buarque de. A herança colonial – sua desagregação. In: HOLANDA, Sergio Buarque de, org. **História Geral da Civilização Brasileira**. Tomo II, vol.1. São Paulo: Difel, 1974.

INFORMAÇÃO e documentação: referências: NBR 6023. Segunda edição. Rio de Janeiro: ABNT, 2018. Disponível em: <https://www.ufpe.br/documents/40070/1837975/ABNT+NBR+6023+2018+%281%29.pdf/3021f721-5be8-4e6d-951b-fa354dc490ed>. Acesso em: 28 set.2019

IPANEMA, Rogéria de. História das imagens em repatrimonialização de acervos: o Tratado de Gravura do Arco do Cego. In: Simpósio Nacional de História, 28., 2015, Florianópolis. **Anais** [...]. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434325661_ARQUIVO_2015-ANPUH-XXVIISIMPOSIONACIONALDEHISTORIA-ST-ARTEEPATRIMONIO-TEXTODEROGERIADEIPANEMA-HISTORIASDAIMAGEMEMREPATRIMONIALIZACAODEACERVOS.pdf. Acesso em: 27 set.2019.

A LITOGRAFIA: (1796-hoje). In: **Tipografia**. Disponível em: <<http://www.tipografos.net/tecnologias/litografia.html>>. Acesso em: 27 set.2019.

MAURÍLIO, Rafael Hoffmann. A importância da litografia para o desenvolvimento dos primeiros anos das artes gráficas no Brasil. In: Congresso Internacional de Pesquisa em Design, 5., 2009. **Anais** [...].Disponível em: https://www.rafaelhoffmann.com/textos/rafael_hoffmann_litografia.pdf. Acesso em: 24 set.2019

MIRANDA, Francisco Gonçalves de. **Memória histórica da Imprensa Nacional**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1922.

MORAES, Rubens Borba de. **Bibliographia brasiliana**. São Paulo: Edusp - Fapesp, 2010. 2 Vols.

SCHREIBERS, Karl Franz Anton von, ed. **Nachrichten von den kaiserl osterreichischen Naturforschern in Brasilien und den Resultaten ihrer Betriebsamkeit. Aus den Amtsrelationen der K.K. Gesanschaft am hofe von Rio de Janeiro...**: aus den... Herr Karls v. Schreibers... Brunn : Bei Joseph Georg Trakler, 1820.

SCHREIBERS, Karl Franz Anton von. **Notícias dos naturalistas imperiais austríacos no Brasil e o resultado de suas atividades**. Tradução Lavínia Ribeiro da Fonseca. Revista do IHGB, Rio [de Janeiro], v. 283, p.191-254, 1969.

TEIXEIRA, Floriano Bicudo. As primeiras manifestações da gravura no Brasil. In: **Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v.96, 1976. pp. 11-19.

Ilustrações:



Figura 1 - A Planta da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro em 1812, Gravada por Souto. Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Ex.4 (arquivo digital cart177686).

NOTÍCIAS MARITIMAS.

ENTRADAS.

Dia 8 de Maio. — Rio Grande; 12 dias; B. Careta; M. José da Costa Bastos, C. a Francisco José da Cunha, trigo, couros, e sebo. — Rio Grande; 12 dias; B. Caronte; M. José Joaquim de Sousa e Castro, C. a varios, trigo, carne, sebo, gracha, e pão do ar. — S. Sebastião; 4 dias; S. Santa Anna, e Lavre; M. José dos Anjos Gaia, C. ao M.; telha, tijolos, caffè, e feijão. — Rio Grande; 12 dias; S. Minerva; M. João Antonio de Freitas, C. a Antonio Caetano, carne, sebo, trigo, e couros. — Rio Grande; 11 dias; S. Santo Antonio Navegante; M. José Antonio Correa, C. a Antonio Luiz Gonçalves Vianna, carne, sebo, e couros. — Rio Grande; e escalla a Santos, e Santa Catharina; 26 dias; S. Santa Anna; M. Alexandre José Dias, C. a Manoel Moreira Lirio, artibada, seu destino era para Pernambuco, carne, e sebo.

Dia 9 dito. — Cananéa; 7 dias; L. S. João Viajante; M. Francisco Antonio Nobrega da Silva, C. a varios, cal, e arrôz.

Dia 10 dito. — Londres; 57 dias; G. Ingleza, London Packet; Cap. Guilherme Tornbill, C. a D. Anna Carneiro e Companhia, diferentes generos. — Baltimor; 42 dias; G. Americana, Borecebk; Cap. Jh. S. Fabesty, C. a L. F. Halkusan, sabos, e outros generos. — Babia; 28 dias; G. Portugueza, Ulisses; Cap. o 1.º Ten. Joaquim Ferreira, tabaco para a Fazenda Real. — Caravelas; 12 dias; B. N. S. dos Remedios; M. Antonio de Almeida, C. a Joaquim José de Siqueira, casca, e 1 escravo. — Laguna; 12 dias; S. Boa Sorte; M. José de Sousa Machado, C. ao M.; peixe, farinha, milho, feijão, e trigo. — N. B. A Galera Ingleza, George, que sahio no dia 8 do corrente, foi embargada pelo Commandante da Fortaleza de Santa Cruz, entrou para dentro. — Rio Grande; 11 dias; S. Gloria; M. Miguel de Bastos; C. ao M.; carne, sebo, trigo, e couros.

Dia 11 dito. — Rio Grande; 14 dias; S. Sagarro; M. João Antonio, C. a José Alves Duarte, carne, couros, e sebo. — Rio de S. João; 3 dias; L. Bonança; M. Clemente Correa, C. ao M.; madeira.

S A H I D A S.

Dia 8 dito. — Lisboa; G. Ingleza George; Cap. Tho. S. Wilson, trigo, e arrôz.

Dia 9 dito. — Babia; G. Americana, Concor dia; Cap. Johnson, fatinha de trigo. — Campos; S. Voador; M. Antonio dos Santos Silva, lastro. — Rio Grande; escalla aos Portos do Sul, S. Minerva do Norte; M. Antonio Garcia de Miranda, lastro. — Santos; S. Santa Cruz; M. João Martins Nunes, vinho, fazendas e ferro. — Campos; S. Belizario; M. João José Simões, lastro. — Cabo Frio; L. S. Bento; M. Francisco José da Costa, lastro. — Rio de S. João; L. Conceição; M. José Maria de Almeida, lastro.

Dia 10 dito. — Bengalla; G. Condêça da Ponte; Cap. Antonio Rodrigues Pe soa, lastro. — Bengalla; G. D. Rodrigo; Cap. Sebastião Lopes Ramos, vinhos. — Cabo da Boa Esperança; B. Inglez, Comete; Cap. Funes Detbe, effectos do Brazil. — Babia; S. Brillante; M. Antonio Joaquim Bairão, carne, e sebo. — Santos; S. Maria José; M. José Ribeiro Satria, sal. — Rio de S. João; S. Santo Antonio; M. Antonio Francisco, lastro. — Rio de S. João; L. Santa Anna; M. José Alves, lastro. — Cabo Frio; L. S. José; M. José Carvalho, lastro. — Rio de S. João; L. Conceição; M. Felisberto da Silva, lastro.

Dia 11 dito. — Lisboa; G. Ingleza; George; Cap. Thomas Wilson, trigo, e arrôz. — Lisboa; G. Portugueza, Princesa Carlota; Cap. Francisco de Paula Rodrigues, generos do Paiz. — Bengalla; G. Rainha dos Anjos; Cap. João Lucio Buralho, vinho. — Campos; L. Bom Jesus; M. Antonio Joaquim, lastro.

A V I S O S.

Sahirão á luz: *Ensaio Moraes de Alexandre Pope, em Quatro Epistolas a diversas Pessoas, traduzidos em Portuguez pelo Conde de Aguiar, com as Notas de José Warton, e do Traductor.* Esta Obra em nada inferior á do *Ensaio sobre a Critica*, ainda mais correcta na edicção, alias elegantissima, em papel bastardo, 8. grande, se vende na loja de Paulo Martin filho (onde pelo mesmo preço se vende o *Ensaio sobre a Critica*) em Brochura a 2560 reis, encadernada 3200. E pelo mesmo preço, nas lojas de Manoel Forge da Silva na rua do Rozario, e na de José Antonio da Silva na rua Direita. — *Ensaio sobre o Estabelecimento de Bancos para o Progresso da Industria e Riqueza Nacional*; nas mesmas Casas, a 400 réis em papel 8 gr. — Duas Memorias a favor da Conservação da Companhia dos Vinhos do Alto Douro, huma intitulada: *Considerações Fundadas em Factos sobre a Extinção da Companhia do Porto*; e outra: *Additamento á Memoria sobre a Extinção da Companhia do Porto*; elegantemente impressas 8. gr. 480 réis. — *Memoria Economica sobre a Franqueza do Commercio dos Vinhos do Porto*; edição elegante 8. gr. por 400 réis.

Planta da Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, levantada por Ordem de S. A. R. o Principe Regente N. S.; a 6400 reis.

RIO DE JANEIRO NA IMPRESSÃO REGIA.

Figura 2 - Anúncio de venda da Planta da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro em 1812, publicado na Gazeta do Rio de Janeiro de 13 de maio de 1812. Biblioteca Nacional do Brasil.

NOTÍCIAS MARIÍMAS.

ENTRADAS.

Dia 30 de Abril. — *Bahia*; 25 dias; E. de Guerra, *Kalmuk*, Com. o 1.º Ten. *Augusto José de Carvalho*. — *Dito*; 23 dias; B. *Imperador Feliz*, M. *João Dias de Carvalho*, C. ao M. sal, amarras, e outros generos. — *Angola*; 31 dias; C. *Amizade*, M. *Felís José dos Santos*, C. a *João Gomes Valle*, escravos. — *Parati*; 5 dias; L. S. *Martires*, M. *Carlos José*, C. ao M. agoardente, e fumo. — *Rio de S. Francisco do Sul*; 9 dias; L. *Vencedor*, M. *Custodio José de Aranho*, C. a *Manoel José Chaves*, madeira, e farinha. — *S. Sebastião*; 3 dias; L. *Santa Anna*, M. *Jose Ribeiro*, C. ao M. telha, farinha, e feijão.

Dia 1.º de Maio — *Rio Grande*; 12 dias; B. *Piedade*, M. *Antonio Petra Birancourt*, C. a *Francisco Xavier Pires*, couros, e trigo. — *Dito*; 11 dias; S. *Nova Amizade*, M. *Antonio Lopes da Rocha*, C. a *Miguel Ferreira Gomes*, trigo, carne, couros, e sebo. — *Monte Pideo*; 21 dias; B. *Hespanhol*, *La Fama*, M. *João José*, C. ao M. vinho, vinagre, e outros generos. — *S. Mathews*; 13 dias; H. *Rio Lima*, M. *Diogo Gomes dos Santos*, C. a *Gaspar Danvas Coelho*, farinha. — *Per-nambuco*; 33 dias; B. *Aurora*, M. *Ignacio Manoel Gomes*, C. a *João Gomes Valle*, sal. — *Campos*; 16 dias; L. *Fiva Maria*, M. *Miguel Gonçalves*, C. ao M. agoardente, e mel.

Dia 2 — *Cabinda*; 61 dias; B. *Protector*, M. *Gregorio José Ribeiro*, C. a *Francisco José Guimarães*, escravos. — *Dito*; 62 dias; B. *Pombo*, M. *Maximiliano José das Neves*, C. a *Manoel José das Neves*, escravos. — *Per-nambuco*; 32 dias; S. N. S. *da Penha*; M. *Luiz Ribeiro Peixoto*, C. a *Francisco Xavier Pereira*, sal, e fazendas, segue para o *Rio Grande*.

Dia 3 — *Rio Grande*; S. S. *Lourenço*, M. *Manoel José da Silva*, C. ao M. sebo, carne, e outros. — *Lisbon*; 27 dias; B. *Marquez de Torres Pedras*, C. a *João Martins Barrozo*, sal, vinho, e varios generos.

S A H I D A S.

Dia 30 de Abril. — *Santa Catharina*; B. *Miliciano*, M. *Jose Ribeiro Alves*, lastro.

Dia 1.º de Maio. — *Cabinda*; B. *Trajano*, M. *Manoel Fernandes Roza*, agoardente, e fazendas. — *Parati*; L. N. S. *da Conceição*, M. *Antonio Balbazar de Souza*, lastro. — *Iha Grande*; L. *Santa Anna*, M. *Jose Francisco Pantalão*, lastro.

Dia 2 — *Porto*; G. *Hercules*, Com. o Cap. Ten. *Bernardino Pedro de Aranho*, efectos do paiz.

Dia 3 — *Nao Ingleza*, *Montague*. — *Lisboa*; N. *Conde das Gaveas*, M. *Antonio da Fonseca Roza*, generos do paiz. — *Dito*; G. *Imperador da America*, M. *Miguel Theotonio*, diferentes generos.

A V I S O S.

Na loja de *Paulo Martin*, filho, na rua da *Quitanda* N.º 34, se acha a *Planta da Cidade do Rio de Janeiro*, mandada levantar e publicar por ordem de S. A. R. Seu preço 6400 réis.

Na mesma loja se acha de venda *Obras de F. de B. Garção Stockler*, Secretario da *Academia Real das Sciencias de Lisboa*, tomo 1.º, impresso por ordem, e debaixo do privilegio da mesma *Academia* no anno de 1805. Vende-se por 960 brochado.

Hum sujeito, que se retira brevemente d'esta *Cidade*, tem para vender hum bom preto ladino, moço, de boa presença, com officio de pedreiro, e que teve algumas lições de boléa. Quem quizer entrar em ajuste, póde dirigir-se á *caza do Físico Mór da Armada Real* N.º 133, na rua do *Alecrim*, ou á *caza de Joaquim Pires*, telojoeiro do *Principe*, na rua dos *Pescadores*.

Vende-se hum caza terrea com muito fundo, na rua da *Ajuda*, N.º 34. Quem a quizer comprar dirija-se a *Manoel Anjo Deschamps*, rua derraz do *Caetano* N.º 21, ou na rua do *Sabão* N.º 128.

Quem quizer comprar onze moradas de cazas, que occupão vinte braças e quatro palmos de frente, e trinta e quatro palmos de fundo, muito bem edificadas, com todos os commodos necessarios, forradas e assoalhadas, que pagão de foro 250600 por anno ás Religiosas do *Convento de N. S. da Ajuda*, encostadas ao dito *Convento* com frente para o mar; das quaes estão já acabadas, e 7 alugadas a 80320 por mez, ou todas juntas ou separadamente; dirija-se á rua da *Misericordia*, em hum sobrado N.º 16, quasi defronte da *Igreja de S. José*, das 7 até ás 9 horas da manhã.

Em o dia 24 do corrente mez desapareceu de *caza de José Manoel Caetano da Silva*, morado na rua de *S. José*, em o sobrado N.º 13, hum preta nova com hum vestido de chica azul, calva quem a tiver, póde leva-la á dita *caza*, e receberá seu premio.

Vendem-se tres quartos da *Fluctuante* dos banhos: quem os quizer comprar, falle com *José Domingues*, rua do *Fogo* N.º 9.

Vende-se o *Bergantim Carera* de 142 praças vindo proximo do *Rio Grande*. Quem o quizer comprar falle com *João José da Cunha* na rua da *Alfandega* N.º 13.

RIO DE JANEIRO NA IMPRESSÃO REGIA. 1813.

Figura 3 - Anúncio de venda da Planta da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro em 1812, publicado na Gazeta do Rio de Janeiro de 05 de maio de 1813. Biblioteca Nacional do Brasil.



Figura 4 - Planta da cidade do Rio de Janeiro em 1817, reduzida da de 1812, gravado por Souto. Biblioteca Nacional de Portugal (arquivo digital <http://purl.pt/897/2/>).

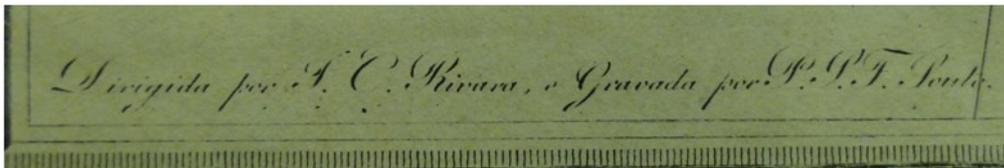


Figura 5 - Assinatura de P. S. F. Souto na planta gravada em 1812.

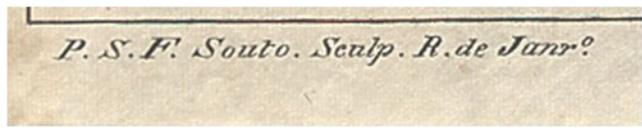


Figura 6 - Assinatura de P.S.F. Souto na planta reduzida de 1817.



Figura 7 - Planta da cidade do Rio de Janeiro em 1817, gravada por Waniek. Fundação Biblioteca Nacional (arquivo digital cart1561783).

Variações nas medidas das plantas apresentadas

Planta	Medidas
Souto, P. S. F. 1812	92 cm x 123 cm
Souto, P. S. F. 1817	29,20x28,40 cm em folha de 41,30x35,40 cm
Waniek, W. W.	29,8 x 28,90 cm em folha de 39,5 x 35,5 cm

